

A ÁGUA COMO METÁFORA DO SAGRADO

RICARDO ANTONIO RODRIGUES*

As grandes tradições religiosas e filosóficas, orientais e ocidentais, podem nos ensinar muito sobre o respeito ao meio ambiente e principalmente sobre a necessária conexão com o essencial à preservação da vida no planeta. A proposta deste artigo é apresentar a água como simbolismo do sagrado, a partir de uma leitura das místicas oriental e ocidental como muito próximas. O viés compreendido entre o sentido cósmico da existência e a presença de Deus no mundo, manifestando-se nas obras da natureza, coloca-nos numa condição de quem, com elas, pode aprender por meio do olhar, do contemplar e do sentir.

♣

* Professor do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA).

INTRODUÇÃO

Vivemos numa sociedade ainda marcada pelo senso de domínio e exploração, em que, não raramente, colocamos tudo, inclusive a vida, em risco pela tênue idéia de que as representações valorativas que construímos vão resolver todos os problemas existenciais. Nesse sentido, aos poucos, caminhamos para a mercadorização da água.

De modo geral, a leitura que temos sobre a água é uma visão utilitarista e positivista. Até ensinamos e aprendemos, nas escolas e universidades, que esse elemento é importante, pois nosso corpo é composto, em sua maior parte, de água, assim como também nossos órgãos são em maior parte constituídos por ela: cérebro-75%, pulmões-86% , fígado-86%, músculos-75% , coração-75% , rins-83%, sangue-81%, etc. Diante disso, sabemos que um corpo humano pode sobreviver até quatro semanas sem alimentação, mas apenas três dias sem água. Essas são informações fundamentais que precisam se transformar em atitude ética. E, já que estamos envolvidos na elaboração e reconstrução dos saberes, convém lembrar que um saber sem responsabilidade é algo inócuo.

Pensemos agora nos problemas futuros, partindo do fato de que, há dois mil anos atrás, a população mundial representava apenas 3% do que somos hoje: a partir de 1950, triplicamos o consumo de água no planeta e, também, de cada mil litros de água que usamos, poluímos dez mil, segundo relatórios da ONU de 1993. Não podemos esquecer que 90% do esgoto doméstico e 70% dos efluentes no Brasil são jogados diretamente nos corpos d'água. Dito isso, parece claro que, embora saibamos da importância da água para a manutenção da vida como um todo, além de se tratar de um recurso não renovável, o nosso agir é reacionário.

O que se pretende discutir aqui é o valor simbólico da água como constituição sagrada, sem esquecer o seu sentido empírico. Enfatizaremos, porém, o outro lado da discussão, tentando resgatar a noção de respeito ao meio ambiente, a partir da reconstituição do sentido e significado da água, como elemento vital e sagrado.

A proposta deste artigo é apresentar a água como simbolismo do sagrado. Para isso, são consideradas algumas tradições religiosas e filosóficas como ponto de partida dessa reflexão. Não há nenhuma razão em especial que justifique a escolha dos livros e textos sugeridos aqui, é apenas uma questão de opção pessoal. Além disso, igualmente não há como esgotar ou contemplar, em um pequeno espaço como este, uma abordagem completa sobre o assunto.

Na primeira parte, apresentamos alguns textos da *Bíblia Sagrada*, em que aparece a água como simbolismo do sagrado, como castigo, como garantia da vida, como símbolo da aliança com Deus, enfim, como expressão de algo para além de si.

Na segunda, foram escolhidos alguns trechos do *Alcorão*, de forma aleatória, para percebermos o Transcendente e a transcendência a partir do simbolismo das coisas da natureza. A relação com o Clemente (Alá) pressupõe um compromisso e uma opção de vida que transcende o puramente material e imanente.

Na terceira parte, refletimos sobre o livro *Baghavad Gita*. Essa obra indiana que fundamenta o agir de mais de dois bilhões de pessoas no mundo inteiro carrega a proposição de que todos nós somos convidados a superar o eu rumo ao absoluto.

Na quarta e última parte, a discussão fundamenta-se no livro *Tao Te Ching de Lao Tsé* cuja compreensão é muito parecida com a leitura da filosofia indiana e relaciona-se, de forma muito estreita, com o pensamento cristão ocidental. Tal semelhança, embora apresentada de forma rápida, visa mostrar uma relação entre o senso cósmico dos orientais e a noção de fraternidade cósmica presente na compreensão cristão-franciscana.

Essa compreensão de Deus como um ser cósmico está presente na proposta teológica de autores como Spinoza, Demócrito, Nicolau de Cusa e tantos outros. O próprio Teilhard de Chardin, criador da terminologia e do sentido da Cosmovisão, remonta a esse conceito ao definir o Ponto Ômega como ápice de um senso evolutivo presente na natureza. A proposição de Chardin está profundamente ancorada na concepção franciscana, como a de São Boaventura, que apresenta a criação ora como espelho de Deus, ora como escada que conduz a ele. Para nós, que fazemos parte de uma instituição franciscana, convém recordar que o sentido do panenteísmo não apenas é semelhante às filosofias do sentir do oriente, mas, principalmente, obriga-se a estabelecer, por força desse modo de compreender Deus, uma relação de respeito e reverência ao meio ambiente.

Nesse sentido é que pode ser feita uma leitura da mística oriental e ocidental como muito próximas. O viés compreendido entre o sentido cósmico da existência e a presença de Deus no mundo, manifestando-se nas obras da natureza, coloca-nos numa condição de quem pode aprender da natureza através do olhar, do contemplar e do sentir.

O SIMBOLISMO DA ÁGUA NOS TEXTOS DA BÍBLIA

É importante perceber que, na visão bíblica, a água aparece inúmeras vezes, ora como sinônimo de bem-aventurança, ora como castigo e, outras vezes, como uma metáfora da plenitude espiritual. O que pretende ser explorado nesse texto é justamente como ela é concebida e introduzida enquanto compreensão simbólica de algo que nos remeta à transcendência.

Logo, no início, na narrativa da criação, a Bíblia descreve que “[...] a terra era um vazio, sem nenhum ser vivente, e estava coberta por um mar profundo. A escuridão cobria o mar, e o Espírito de Deus se movia por cima da água” (Gn 1,2). A seguir “Deus disse: — Que haja no meio da água uma divisão para separá-la em duas partes!” (Gn 1,6). E, no versículo seguinte, o texto descreve que “[...] assim aconteceu. Deus fez uma divisão que separou a água em duas partes: uma parte ficou do lado de baixo da divisão, e a outra parte ficou do lado de cima”. Percebemos que essa movimentação das águas, segundo a própria narrativa, foi aos poucos dando condições para que a vida fosse possível mais tarde.

A água aparece concomitantemente no texto sobre a origem de forma que garanta a vida: (Gn 2, 6) “[...] da terra saía uma corrente de água que regava o chão”. Também como instrumento para efetivação do castigo divino, pois “o dilúvio durou quarenta dias. A água subiu e levantou a barca, e ela começou a boiar” (Gn 7,17). E a seguir aparece como símbolo de esperança em paralelo com essa dinâmica do castigo: “[...] a água subiu tanto, que cobriu todas as montanhas mais altas da terra” (Gn 7, 19) e “[...] só cento e cinquenta dias depois é que a água começou a baixar” (Gn 7,24). “[...] Mas a pomba não achou lugar para pousar porque a terra ainda estava toda coberta de água. Aí Noé estendeu a mão, pegou a pomba e a pôs dentro da barca” (Gn 8,9). Nos dois versículos seguintes, a melhor notícia: “[...] ela voltou à tardinha, trazendo no bico uma folha verde de oliveira. Assim Noé ficou sabendo que a água havia baixado”.

Percebemos, dessas passagens, que tanto na criação como no castigo pelos pecados humanos, na midraxe da criação está presente a água como garantia de vida e, ao mesmo tempo, como punição ao modo de ser e viver que não priorize os desígnios de hospitalidade que Deus propôs ao ser humano.

A água, contudo, aparece também como símbolo de dádiva e purificação. No primeiro caso, podemos observar, em Gn 13,10, que “[...] Ló olhou em volta e viu que o vale do Jordão, até chegar à cidade de Zoar, tinha bastante água. Era como o Jardim do SENHOR ou como a terra do

Egito. O vale era assim antes de o SENHOR haver destruído as cidades de Sodoma e de Gomorra”. Como purificação e também descanso, há a passagem em Gn 18, 4, “[...] vou mandar trazer água para lavarem os pés, e depois os senhores descansarão aqui debaixo da árvore”.

A partir da criação do mundo, temos presente os vários episódios que exploram a questão da água com várias funções diferentes, desde o nascimento e sobrevivência de Moisés, até a sua missão de libertar o povo através do Mar Vermelho. Enfim, a própria história de Moisés está intimamente ligada às águas. Se observarmos a etimologia de seu nome, perceberemos que ‘moshê’, em hebraico, a partir do verbo ‘masha’, significa ‘tirar’. Ou dito de outra forma, ao batizar Moisés, a filha do faraó afirmou: “eu o tirei das águas” (Ex 2,2). Junto a toda história religiosa, predominantemente monoteísta, está incrustada essa lenda dupla de que o grande libertador do povo hebreu do jugo dos egípcios tem uma relação muito estreita com a simbologia das águas.

A água, porém, como dito anteriormente, não só aparece como adágio que lembra a perpetuação da vida, como também é sinônimo de castigo, ou pelo menos de recado para os que não se enquadram nos preceitos de justiça e bondade proposta por Javé. Um exemplo é a afirmação que consta em Ex: 7,1 7: “portanto, Deus lhe diz que, por causa daquilo que ele vai fazer agora, o senhor vai saber que ele é Deus, o SENHOR. Ó rei, agora eu vou bater na água do rio com este bastão que estou segurando, e a água vai virar sangue”. E, no versículo seguinte, há um reforço dessa penalização aos opressores do povo de Deus: “os peixes que estão no rio vão morrer, e o rio vai cheirar tão mal, que os egípcios terão nojo de beber água dele.” E o texto narra a seguir que assim se fez: “Os peixes morreram, e o rio cheirou tão mal, que os egípcios não podiam beber água dele. E, em todo o Egito, houve sangue” (Ex 7,21) “[...] e todos os egípcios cavaram buracos na beira do rio para beber água limpa, pois não podiam beber da água do rio” (Ex 7,24). Logo a seguir, Deus combina a fuga do povo escolhido, narrado pelo texto em que Javé recomenda (Ex 14,16): “levante o bastão e o estenda sobre o mar. A água se dividirá, e os israelitas poderão passar em terra seca, pelo meio do mar”. E isso se concretizou, pois “os israelitas passaram pelo mar em terra seca, com muralhas de água nos dois lados (Ex 14,22) [...] Mas os israelitas atravessaram o mar em terra seca, com muralhas de água nos dois lados” (Ex 14, 29). Aqui aparece a água não apenas como uma garantia de vida pela ingestão, mas enquanto escudo natural que defende o povo da investida do exército egípcio. A água, portanto, esteve significativamente presente na criação, libertação

e garantia de vida do povo hebreu. Ao observarmos os primeiros sinais da presença de Deus na metáfora da travessia do deserto rumo à Canaã, uma das primeiras manifestações divinas ao povo foi a água que brotou das pedras para saciar a sua sede.

A certeza da presença de Deus com o povo e a necessidade do merecimento dessa mesma companhia divina dão-se pelo merecimento. E devem ser observados alguns preceitos e a adoção da visão sistêmica e dinâmica da presença de Javé, o que exige vigilância perene e atitude de observação da memória e readaptação do mistério da libertação. Uma das formas mais comuns entendidas por eles é o estado de purificação, como a que aparece nos textos de Zacarias, 13,1: “Naquele dia, haverá uma fonte jorrando água, e ali os descendentes de Davi e os outros moradores de Jerusalém poderão se lavar de todos os pecados e de todas as impurezas”. E também em 14,8: “Naquele dia, haverá em Jerusalém fontes jorrando água fresca; metade irá para o mar Morto, e a outra metade, para o mar Mediterrâneo. As águas correrão o ano inteiro, tanto no verão como no inverno”.

No evangelho, Jesus manifesta-se e manifesta certas verdades a partir do mesmo simbolismo. Por opção histórica, vamos observar o texto de Mateus, escrito para as comunidades judaicas, o qual descreve que Jesus afirmou: “Eu os batizo com água para mostrar que vocês se arrependeram dos seus pecados, mas aquele que virá depois de mim os batizará com o Espírito Santo e fogo. Ele é mais importante do que eu, e não mereço a honra de carregar as sandálias dele” (3,11). Logo a seguir, como condição para acontecer a grande promessa divina do Antigo Testamento “logo que foi batizado, Jesus saiu da água. O céu se abriu, e Jesus viu o Espírito de Deus descer como uma pomba e pousar sobre ele” (3,16). O Filho de Deus, na descrição de Mateus, necessitou passar pelo simbolismo da água para assinar a sua missão no mundo.

Numa de suas preleções, Jesus disse: “Eu afirmo a vocês que isto é verdade: quem, apenas por ser meu seguidor, der ainda que seja um copo de água fria ao menor dos meus seguidores, certamente receberá a sua recompensa” (10,42). E valeu-se da água para manifestar o seu poder: “Já de madrugada, entre as três e as seis horas, Jesus foi até lá, andando em cima da água” (14,25). Na descrição do evangelista, essa atitude de Jesus não foi muito acessível para a compreensão dos seus discípulos, pois “quando os discípulos viram Jesus andando em cima da água, ficaram apavorados e exclamaram: — É um fantasma! E gritaram de medo” (14,26). O texto descreve que Pedro desafiou o grande Mestre: “Então Pedro disse: — Se é o senhor mesmo, mande que eu vá andando em cima da água até onde o

senhor está” (14,28). E teve resposta: “Venha! — respondeu Jesus. Pedro saiu do barco e começou a andar em cima da água, em direção a Jesus” (14,29).

Na exortação final, Jesus insiste com seus seguidores que é preciso que o testemunho se dê no serviço ao próximo, não como um tratado apenas, um discurso ou uma tese muito bem elaborada pela abstração da linguagem. Ele simplifica ao máximo: “Pois eu estava com fome, e vocês me deram comida; estava com sede, e me deram água. Era estrangeiro, e me receberam na sua casa” (25,35). Os seus seguidores mesmo assim parecem não entender: “Então os bons perguntarão: ‘Senhor, quando foi que o vimos com fome e lhe demos comida ou com sede e lhe demos água?’ [...] Pois eu estava com fome, e vocês não me deram comida; estava com sede, e não me deram água” (25, 37;42). A lição básica reside no campo das ações concretas e simples, assim como dar um copo de água a quem tem sede, ou seja, provavelmente Jesus está falando do sentido da vida que é atender às necessidades das pessoas e não simplesmente cumprir preceitos e normas, um legalismo que não defende a vida.

Uma outra cena descrita no evangelho chama atenção pela aplicação do simbolismo da água numa perspectiva de responsabilidade. O fato narrado é quando Pilatos precisa decidir sobre o futuro de Jesus: condená-lo ou não. “Então Pilatos viu que não conseguia nada e que o povo estava começando a se revoltar. Aí mandou trazer água, lavou as mãos diante da multidão e disse:- Eu não sou responsável pela morte deste homem. Isso é com vocês” (Mt 27,24). Essa expressão ou metáfora de “lavar as mãos” diante de um acontecimento tornou-se clássica em nossa cultura, pois, no sentido judaico, lavar as mãos antes das refeições tem a ver com uma condição de estar apto no sentido de dignidade e de reconhecimento para tal. No caso de Pilatos, contudo, tem uma conotação totalmente diversa, porque significa desresponsabilizar-se do evento em questão: condenar Jesus à morte. A água nessa situação assume um outro sentido.

No Evangelho de Lucas, descreve-se uma cena a partir de um gesto simples: “então se virou para a mulher e disse a Simão: - Você está vendo esta mulher? Quando entrei, você não me ofereceu água para lavar os pés, porém ela os lavou com as suas lágrimas e os enxugou com os seus cabelos” (7,44). A simplicidade do gesto aqui apresentado serve como modelo para Pedro que tentou repreender Jesus a respeito da mulher. Outra passagem é a da transformação da água em vinho, e a grande prova do primeiro milagre de Jesus está ligada à questão da água também, pois em Jo, 2,9, encontramos o trecho que diz: “então o dirigente da festa provou a água, e a água tinha virado vinho. Ele não sabia de onde tinha vindo

aquele vinho, mas os empregados sabiam”. No mesmo evangelista, há a exortação: “Jesus disse: - Eu afirmo ao senhor que isto é verdade: ninguém pode entrar no Reino de Deus se não nascer da água e do Espírito” (3,5). A seguir, temos um novo fato: “uma mulher samaritana veio tirar água, e Jesus lhe disse: - Por favor, me dê um pouco de água” (4,7), e “A mulher respondeu:- O senhor é judeu, e eu sou samaritana. Então como é que o senhor me pede água?” (Ela disse isso porque os judeus não se dão com os samaritanos.) (4,9) “Então Jesus disse: - Se você soubesse o que Deus pode dar e quem é que está lhe pedindo água, você pediria, e ele lhe daria a água da vida” (4,10). No encontro de Jesus com a samaritana no poço, há a quebra de muitos preceitos. Primeiro, pelo fato de ela ser mulher, depois pelo fato de os samaritanos não serem bem vistos na época. Nesse caso, a água serve como mediação para a implantação de uma outra ordem conceitual. Jesus conversa com a mulher e apresenta a sua proposta de vida como “água da vida”. Ou seja, o que permeia a Bíblia Sagrada é a água como fundamento da vida como, por exemplo, na passagem que vimos do livro do Gênesis que, depois, é usada em vários sentidos; no evangelho, é uma metáfora do grande projeto de vida empreendido por Jesus. Por fim, no último livro, convém lembrar três passagens só para fechar a idéia do texto. Novamente, percebemos que aparece a água com a idéia que já foi apresentada por Jesus como fonte da vida. Vejamos só para ilustrar a passagem do Apocalipse 21,6: “E continuou: —Tudo está feito! Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim. A quem tem sede darei água para beber, de graça, da fonte da água da vida”. Depois, numa outra passagem : “O anjo também me mostrou o rio da água da vida, brilhante como cristal, que sai do trono de Deus e do Cordeiro” (22,1). E para finalizar: “O Espírito e a Noiva dizem: - Venha! àquele que ouve isso diga também: - Venha! Aquele que tem sede venha. E quem quiser receba de graça da água da vida” (22,17). Nesses elementos de transcendência que partem da simbologia da água podemos encontrar, igualmente, em outras crenças e textos entendidos como sagrados. É o que se pretende apresentar a seguir.

O SIMBOLISMO DA ÁGUA NO ALCORÃO

Atualmente, o Islamismo é uma das maiores religiões monoteístas do mundo. Embora seja a religião mais jovem das três grandes tradições ocidentais, aos poucos foi ocupando um lugar de destaque. Com um sistema de crença oriundo do Judaísmo e uma passagem pelo Cristianismo, os muçulmanos fundamentam-se no Alcorão (“O livro”) como base de sua doutrina.

As passagens que foram escolhidas não representam uma forma de estudo ou de tentativa de precisar o que “O livro” fala sobre a água, mas constituem-se em alguns breves exemplos de como, na teologia muçulmana, há um espaço para a simbologia da água como metáfora ou sinônimo de realidade transcendental ou religiosa.

Em uma passagem na Sura 24, versículo 44, o texto afirma que “Deus criou todos os animais da água. Uns deslizam sobre o ventre, outros andam em dois pés e outros andam em quatro pés. Deus cria o que Lhe apraz. Ele tem poder sobre tudo”. Dá para perceber uma relação muito próxima com a proposta tanto do Judaísmo, quanto do Cristianismo no quesito Criação. A água aqui serve de base, de condição, de possibilidade para a origem da vida.

Na Sura 77, intitulada “Os emissários”, o texto apresenta, em forma de questionamento, a compreensão da água como fundamento da vida e, ao mesmo tempo, a garantia dela. Ao observarmos a afirmação: “não vos criamos de água desprezível, e depois vos depositamos num alojamento seguro até um termo predeterminado?” (21-23). Parece que o sentido dessa afirmação indica que, embora sejamos frágeis, somos constituídos e escolhidos por Alá para algo muito importante. Ou seja, embora a nossa limitação original, o Misericordioso nos abençoa. Aqui, o elemento água apresenta-se como a própria condição humana que é provisória e indigna, mas o Clemente é que dá um sentido maior ao nosso fato existencial.

Na mesma Sura, mas no versículo 27, há a seguinte consideração: “Não colocamos nela altas montanhas e não vos demos água doce para beber?”. Nessa passagem há uma menção à providência divina que teve o zelo de garantir a vida, através da água. O mesmo texto remete a uma idéia de que isso precisa ser testemunhado e confirmado e os que “desmentirem” essa colaboração de Alá serão castigados ou amaldiçoados com o fogo da Geena. Esse antagonismo entre luzes e trevas, fogo e água, etc, parece dar a entender que a figura do transcendente apresenta-se como alguém que julga e condena os que não optarem por compreender e reconhecer que o Misericordioso tudo provê, e que devem fazer do entendimento dessa gratuidade e dom, um serviço aos demais. Já nos versículos 41-43, dessa mesma Sura 77, a promessa de recompensa aos justos e piedosos é descrita como: “os piedosos morarão em meio a sombras e mananciais e terão todos os frutos que desejarem: ‘comei e bebei com proveito pelo que fazeis”.

Já, na Sura 78, sobre “A Notícia”, o Alcorão adverte sobre o julgamento final e, aos iníquos, segundo o texto, o único tipo de bebida que terão será: “água fervente e pus!”. Percebemos aqui que a água aparece também como uma forma simbólica de castigo aos que, por não serem tementes a Alá, cometeram iniquidades. Muito semelhante a essa passagem,

a Sura 82, “A Terra Fendida”, traz, no versículo 3, uma menção de que as águas serão um sinal de uma espécie de Juízo Final; há, nesse sentido, a afirmação “quando os mares transbordarem” [...] “Cada alma saberá o que tiver feito ou deixado de fazer” (versículo 5).

O que podemos perceber é que essa relação entre a finitude e a perspectiva de uma vida eterna, origem e fim do homem, no Islamismo, trazem várias referências à água como fundamento primeiro e/ou último da existência humana. Avaliemos a Sura 86, versículos 5-7: “Que o homem considere de que foi criado: foi criado de água ejaculada, saída dentre a virilha e as costelas”.

O SIMBOLISMO DA ÁGUA NO BHAGAVAD GITA

A obra em questão chega até a passar despercebida pelas pessoas menos atentas, mas quem um dia ocupou-se alguns instantes para tentar compreender a ânsia humana por respostas aos mistérios mais profundos da vida, da morte, felicidade, autoconhecimento e auto-realização, irá com certeza surpreender-se com esse livro. A tradução de Bhagavad Gita pode ser: “A Sublime Canção”.

Esse texto influenciou profundamente grandes autores e personagens de todos os tempos, e mais recentemente pensadores, como Aldous Huxley, Arthur Schopenhauer, Ralph Emerson, Mahatma Gandhi, entre outros, estabelecendo-se um consenso quanto à definição desse livro: trata-se de um poema e um apelo à auto-realização, auto-redenção e autoconhecimento. O escritor Paulo Coelho e Raul Seixas, em 1974, compuseram uma canção em homenagem a essa filosofia perene; a música “Gita” tornou-se um sucesso naquela época e, ainda hoje, é lembrada e cantada por muitos.

Os recortes feitos nesse texto são propositais, visam a ilustrar a riqueza da obra, sua forma e a presença do simbolismo da água para despertar o senso de transcendência e também o conhecimento de nossa realidade humana.

Basta observarmos no capítulo 2, verso 70: “Todos os rios deságuam no oceano, mas o oceano não transborda e, em suas profundezas, reina imperturbável tranqüilidade – assim é o homem iluminado pelo conhecimento de si mesmo: de todas as partes, invadem-no as impressões dos sentidos – e submergem todos no seu Eu imóvel e imperturbável”. Essa relação com o oceano nos faz pensar no mistério que somos, mas também na grandeza que somos. Isso é algo que passa geralmente despercebido num mundo que aturde e força todos a olharem para fora, mas principalmente num mundo consumista que incita os sentidos e não a mente.

Esse princípio de auto-observação, de busca do caminho da felicidade pelo silêncio, pela contemplação e pela auto-observação é a base do Budismo. No verso 71, percebemos melhor o que significa essa

comparação proposta no verso anterior. O texto afirma que “livre de todos os desejos, é o homem senhor, e não servo dos prazeres; livre da propriedade, une-se ele com o Todo e encontra a paz verdadeira”.

O que podemos perceber na filosofia indiana, proposta na “Sublime Canção”, é que existe uma fluidez na vida muito semelhante à água. Ou seja, há um reto-agir, um falso-agir e o não-agir. É a quietude, o espanto, como na metáfora de alguém que contempla com paciência a imensidão do mar e é conduzido a distanciar-se do ego, que é uma ilusão, e abraçar o todo. Não apenas um “conhece-te a ti mesmo” como, a partir do conhecer-se, o apelo de: “realiza-te”.

Os leitores menos avisados podem supor que a filosofia indiana prega uma certa exacerbação do eu, que seria um equívoco assombroso, pois, no capítulo 7, do Bhagavad, percebemos que é justamente o contrário, pois o encantamento com o finito é mera ilusão. Dito de outra forma “todo o Verso finito é apenas manifestação parcial do Uno infinito”. Na apresentação de Krishna, verso 4: “terra, água, fogo, ar e éter, vida, intelecto e espírito – tudo isso são revelações do meu ser”. Nos versos 6 e 8, aparecem duas menções diferentes sobre a água que, no entanto, fundem-se num único sentido. Primeiramente, na afirmação de que “tudo aquilo são córregos no mundo das existências – eu, porém, sou a Essência de tudo quanto existe; eu sou o princípio dos mundos e sou o seu fim”, a água pode ser entendida como finitude e limitação. A seguir, Krishna apresenta-se como sendo “o sabor da água que bebes, eu sou o fulgor da Lua e do Sol; eu sou o AUM dos cânticos sacros dos Vedas [...]”. Por essas afirmações podemos entender que os seguidores da “Sublime Canção” percebem o provisório como manifestação do sagrado, do eterno. Aliás, é condição fundamental para a percepção do eterno, acolher, respeitar a fluidez e provisoriedade do profano.

Finalmente, no capítulo 14, versos 20 e 21, apresenta-se a visão espiritual do homem, como um grau maior de compreensão, de revelação dos mistérios divinos presentes nas forças na Natureza. Krishna afirma que é nesse momento que o ser humano, num grau mais elevado, compreende o que existe e realiza a sua liberdade, pois sabe que o real é uma metáfora do que está para além dele. A verdadeira liberdade constitui-se, assim, segundo Krishna, quando o homem “deixa ele mesmo de ser autor das obras que realiza no plano da Natureza; liberto do nascimento e morte, de pecado, sofrimento e velhice, bebe as águas vivas da imortalidade” (capítulo 14, verso 21). Para a mística do Bhagavad, a água está intimamente ligada ao conceito de sagrado e de eternidade.

O SIMBOLISMO DA ÁGUA NO TAO TE CHING

O “livro que leva à divindade”, popularmente conhecido como “o livro das virtudes”, ou mesmo numa perspectiva mais mística, “é o livro que revela Deus”. O importante é que, independente da forma mais correta de tradução para o português, possamos navegar um pouco na proposta do Tao Te Ching. A intenção dessa breve passagem é mostrar que há uma profunda semelhança no âmbito de todas as religiões e filosofias, muito embora cada uma delas faça o cultivo e a memorização de sua fé de forma diferente.

Lao Tsé, autor dessa obra, é também considerado o pai do Taoísmo. A sua proposição filosófica, com conseqüências muito presentes em nossa cultura, é a de que somos uma soma do profano e do místico. Por exemplo: o profano = Verso sem Uno; o místico = Uno sem Verso; universo = a soma entre Uno e Verso = cósmico. Essa visão do ser humano como alguém interligado a tudo e a todos é muito semelhante ao pensamento ecológico franciscano que vê cada ser como interdependente.

No capítulo 36, ao tratar da não-violência, ou do domínio sem o uso da violência, o autor propõe que, “para receber algo, deve-se primeiro dá-lo. Esse deixar amadurecer é um profundo mistério. O fraco e flexível é mais forte que o forte e rígido. Assim como o peixe só pode viver em suas águas, assim só pode o chefe de Estado dominar sem violência”. Temos aqui uma compreensão essencialista da vida, mas que tem relação inclusive com as funções políticas, pois todo o agir tem implicações morais e políticas, inclusive a inação. A imagem da água nessa parte do texto remete à algo vital, indispensável. Aliás, em todo o pensamento oriental, a água aparece sempre como lição de sabedoria pela sua fluidez, ou seja, como capacidade de adaptação ao meio e de doação de vida. A metáfora do rio em seu curso, contornando obstáculos para chegar até o mar, mas que no caminho não pode parar, pois sua água estraga, ou mesmo não pode dispersar-se, pois morreria, é uma relação com a própria vida. Além disso, nesse processo de caminhar, ou de lançar-se ao infinito que é o mar, ele (o rio) vai doando vida, compartilhando com os outros seres viventes o que possui (a água).

Não raramente nos textos e preleções de Lao Tsé, percebemos a intenção de ensinar o caminho da moralidade, da virtude e do bem através das coisas simples. Assim, como Jesus, São Francisco de Assis, Buda, Gandhi e tantos outros, também se valeram da natureza como mãe e professora, que vai educando para a sabedoria os que aprendem a olhar contemplativamente as suas obras.

Já, no capítulo 78, sobre a “Passividade Dinâmica”, o autor faz uma bela comparação sobre o sentido da existência, baseado na sabedoria ensinada pela água:

Nada no mundo que tanto se adapte ao solo. Nada mais frágil do que a água. E também nada mais forte que derrote o mais duro do que a água, incomparável e invencível. Todos sabem que o fraco derrota o forte, e que o mole vence o duro, mas ninguém pratica na vida. Somente o sábio aceita a verdade, quem, nos labores agrícolas, suporta as imundícies da terra, esse é o senhor da colheita. Quem toma sobre si as culpas e os sofrimentos dos pais, esse é o verdadeiro patriota; verdades ingratas são estas (TSÉ, 2001, p. 183).

A postura do sábio não passa nem perto dos métodos analíticos que estão intimamente ligados ao profano. Fundamentando-se na intuição, o sábio, para Lao Tsé vai além. Ele está ocupado com o que é tolo ao mundo, imprestável até, pois a sua busca não visa à riqueza, ao acúmulo ou ao poder. Ele perscruta incansavelmente atrás da luz da verdade que está presente e inscrita nas coisas simples. Seremos capazes de perceber na água algo totalmente divino e totalmente humano: eis a missão de quem se dedica ao empreendimento da sabedoria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A razão principal da elaboração deste artigo é chamar a atenção do ser humano hodierno que se separou da natureza. Mesmo que só conceitualmente, isso implicou uma relação de desconstituição de si e do sentido de sua relação com a alteridade, fato que não reside apenas na relação moral e ética, ou na relação com os outros homens. Para o ser humano cibernético que tudo tenta virtualizar, a própria relação ecológica se tornou dramática. A partir do conceito de *Novum Organum*, de Francis Bacon, ou talvez de uma interpretação equivocada desse, fez com que o pensamento europeizado que nos afetou é o de que a natureza, ou o meio ambiente, precisa ser subjogado via experiências científicas e saberes que tudo transformem em lucro ou dinheiro. O que de todo não é problema, mas, sem a devida reflexão, é algo que se tornou reacionário.

O racionalismo, juntamente com o empirismo, somados ao positivismo, deram-nos uma falsa idéia de que o domínio incondicional da natureza é o melhor caminho que podemos trilhar para o desenvolvimento pleno da humanidade. E, aos poucos, fomos nos desespiritualizando e nos tornando animais, ou seja, um processo totalmente contrário do sentido filosófico de todas as grandes matrizes culturais. A própria Academia ou Universidade que surgiu como um pressuposto de qualificação do ser em nome da felicidade hoje tornou-se um instrumento que faz do saber

uma forma de poder sobre os outros ou sobre a natureza, o que agride profundamente o seu sentido originário. O saber tem a função de melhorar o humano e torná-lo mais responsável por si mesmo, pelos demais humanos e pelo meio em que vive, pois essa é a garantia de sobrevivência de todos. E essa é a principal razão de aprendermos e ensinarmos: termos condições humanas e naturais de vivermos melhor em todos os sentidos.

O progresso científico com seu conforto e tecnologias não está conseguindo provar mensuravelmente a sua legitimidade. Dito de outra forma, o modelo de racionalidade implantado como futuro, sucesso e progresso tornou-se algo de si mesmo. E pior, é um risco constante para toda a vida no planeta. Para ilustrar, basta observarmos a quantidade de armas nucleares espalhadas pelo mundo; se parte delas fosse acionada simultaneamente, a vida no mundo todo seria inviabilizada. É contra esse saber que tende à inviabilização da vida na terra que devemos nos insurgir. O terror que atinge o mundo é filho do próprio sistema aterrorizante de uma única racionalidade. Terror, mercantilismo, imperialismo, guerra, domínio e agressão à vida são distinções nominais da mesma realidade. O totalitarismo nasce do conceito de totalidade, ou seja, quando tentamos de forma etnocêntrica impor o nosso jeito de ser e de viver aos demais seres existentes, geramos um processo de desarmonia que, por consequência, inviabiliza a vida. E nesse caso, para que serve o resto?

Os grandes ensinamentos espirituais contidos nos livros, citados nesse texto, e os outros tantos livros e tradições orais de várias partes do mundo, culturas e crenças, alertam-nos para duas realidades supra-sensíveis: a auto-realização e a relação com a alteridade. Basta analisarmos o *Baghavad Gita*, livro de Krishna, que já tem diversos milênios e que direta e indiretamente orienta espiritualmente dois terços da humanidade. Segundo especialistas em Marketing e Economia, menos avisados, talvez digam que ele não ensina a ficar rico, portanto não tem muito valor comercial. Outros estudiosos em Marketing e Economia entenderão, contudo, que desenvolvimento sem liberdade e riqueza sem justiça são o primeiro passo para a violência, e tudo o mais não terá muito valor e sentido.

O *Tao Te Ching* de Lao Tsé (Lao = criança/ Tse = idoso, sábio) é uma síntese, de alguma forma de toda a sabedoria cósmica, apresentada em 81 pequenos aforismos, e que há mais de 2.600 anos tem transformado a vida de milhões de pessoas que o lêem. O próprio nome de Lao Tsé já significa muito, pois numa tradução livre poderíamos dizer que significa “jovem maduro” ou mesmo “adolescente sábio”. Juntamente com seu contemporâneo e conterrâneo Confúcio, plasmaram a cultura chinesa numa perspectiva moral-social. Ambos ensinavam a olhar para as coisas simples e priorizar o imaterial em detrimento do material. Confúcio, por

teorizar menos no plano metafísico, tornou-se mais popular. Mas ambos, de alguma forma, porém, sucumbiram ao materialismo dialético e ateísmo militante do comunismo atual na China, mas seus ensinamentos ainda resistem. Ambos se reportavam muito à água como símbolo da grandeza espiritual ou como profundidade da alma. Tanto no sentido da fluidez, ou seja, perceber que o mutável conduz ao imutável, como no sentido de que, ao observarmos as lições simples da natureza, podemos chegar à sabedoria que, sobretudo, significa não exercer domínio a não ser sobre si mesmo.

Lao Tsé usava a metáfora do mar como sinônimo de sabedoria. Segundo ele, o oceano só é maior porque se coloca na condição de quem pode receber as águas dos rios, lagos, riachos, etc.. Nessa lição que ele dava estava, provavelmente, referindo-se ao sentido e importância da humildade, como pressuposto para caminharmos rumo ao Tao.

No evangelho, há uma similaridade até intrigante com os textos indianos e chineses. Jesus alerta que a condição principal para se chegar ao Reino é ser eternamente criança. Isso está muito próximo da proposta do Taoísmo, pois não se trata de propor uma subjetividade infantil ao adulto, mas uma vivacidade e uma atitude de curiosidade, respeito, encantamento e busca do mistério maior da vida, assim como as crianças naturalmente não só fazem, como são.

A mensagem cristã influencia bilhões de pessoas no mundo inteiro e tem na sua marca registrada o Batismo como forma de inserção nessa mística. A água é o elemento que consagra essa passagem. Para o Cristianismo ela é sentido da origem e da garantia da vida. No Sacramento do Batismo, ela dá um sentido de bênção, iniciação e responsabilidade, pois o cristão é aquele que tem por missão defender e elevar a vida. Não qualquer vida: Vida em abundância (Jo 10,10).

O que podemos perceber é que, nessas três compreensões religiosas e filosóficas, o respeito a si mesmo e aos outros também deve ser estendido ao meio ambiente. Conceitualmente, oriente e ocidente estão bem servidos de fundamentos que oportunizam uma convivência harmoniosa e pacífica entre os humanos, e uma proposta de relação respeitosa e sábia com o meio ambiente. Infelizmente, porém, o que vemos é o oposto. Não temos conseguido viver em paz: só no século XX, foram realizadas 237 guerras que ceifaram a vida de mais de 100 milhões de pessoas; do ponto de vista ecológico, a poluição está chegando ao limite que o planeta pode suportar. Diante disso podemos indagar: para que serve o nosso saber acadêmico? Para que estudamos se isso não se traduz em atitude? Para que servirá o ouro, a prata, o dinheiro, as riquezas e as luxúrias suntuosas se não tivermos ar para respirar, água para beber e pessoas para nos estenderem a mão e nos abraçar?

A humanidade precisa recuperar a dimensão espiritual, retomar o sentido da existência como integração com o meio, como auto-

sustentabilidade. Precisamos fazer de nossas crenças religiosas, políticas, econômicas e filosóficas motivo para o encontro curioso e místico de construção de afeto e solidariedade, não mais de preconceito, exclusão e ofensa à vida. Isso podemos reaprender com os grandes mestres espirituais que lecionaram com a vida os conteúdos da alma, que gastaram a vida para evitar a morte. E, diante da morte, fizeram dela um movimento fluido como a água que contorna obstáculos, “tanto bate até que fura”, que persiste, que insiste, que aprende, que dá a vida, que garante a vida e que a compartilha. Precisamos recuperar nos seres humanos essa função de rio que segue seu curso rumo ao mar. Precisamos ler com atenção os grandes pensadores que leram a natureza e aprenderam com ela. Além dos grandes mestres espirituais e filósofos, como os pré-socráticos, Aristóteles, por exemplo, os indígenas, os primitivos, os animistas, os místicos, etc., que diante da natureza não quiseram outra coisa senão aprender, entender e melhorar-se. Não como passividade pura e inércia apenas, mas como primeiro passo para alcançar a sabedoria. Na visão franciscana, também as criaturas terrenas são como setas que apontam para Deus. A natureza é a escada que conduz ao eterno. A nossa atitude diante dela deve ser de quem está disposto a aprender, e não de alguém que quer dominar e tudo possuir. Um olhar contemplativo diante da simplicidade da água e sua importância para a vida do planeta poderia nos conduzir a um novo jeito de viver, amar e servir. Assim como na compreensão de São Francisco de Assis que, no “Cântico do Irmão Sol” (*Cântico das Criaturas*), dedica uma estrofe para louvar a importância da água e sua mística:

*Louvido sejas, meu Senhor
Pela Irmã Água,
Que é mui útil e humilde
E preciosa e casta.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BHAGAVAD GITA. São Paulo: Martin Claret, 2000.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1995.
- O ALCORÃO. Tradução Mansour Challita. Rio de Janeiro: Associação Cultural Internacional Gibran, s/d.
- TSÉ, L. *Tao Te Ching*. São Paulo: Martin Claret, 2001.